

ACERCA DA DINAMICIDADE LEXICAL*

Vito Cesar de Oliveira Manzolillo (UFRJ)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O termo *léxico*, como grande parte dos termos de cunho científico, provém do grego, mais especificamente da forma *lexikón* e designa o conjunto – teoricamente infinito – de itens lexicais de um idioma. “Constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. (...) É a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” – Biderman (1978:139).

Analogamente ao sistema fonológico, à flexão, à construção da frase, aos procedimentos estilísticos e aos processos de formação de palavras, o léxico também faz parte do conjunto da língua – cf. Lüdtke (1974:13). No entanto, o vocabulário, diferentemente de todos os outros anteriormente mencionados, é um sistema aberto, isto é, constituído de um número flutuante de componentes, o que torna a determinação de todos os elementos pertencentes a essa estrutura uma tarefa impossível.

Essa característica precípua do léxico faz com que os falantes de uma língua sejam obrigados a “aprendê-lo” até o final de suas vidas, pois sempre haverá uma palavra ouvida pela primeira vez, bem como uma necessidade nova a exigir a utilização de uma forma inédita. Por isso, é possível dizer com Vendryes (1943:256) que, ao contrário do que ocorre com a parte estritamente gramatical da língua, “o vocabulário jamais está pronto, porque depende das circunstâncias”.¹

Evidência do caráter instável do léxico é igualmente oferecida por Alves (1990:89) que, ao defini-lo como o “conjunto estruturado de todas as unidades léxicas de uma língua que são utilizadas numa mesma sincronia”, deixa implícita a idéia de que, com o passar do tempo (com a mudança de sincronia), o léxico também se modifica.

* Este artigo se baseia em trechos da Dissertação de Mestrado *Dinamicidade lexical: uma abordagem lingüístico-sociológica do empréstimo*, apresentada à Banca Examinadora em julho de 1995 (cf. Bibliografia).

¹ Na tradução espanhola utilizada, lê-se: “el vocabulario jamás está fijado, porque depende de las circunstancias”.

COMO E POR QUE O LÉXICO SE AMPLIA

Conforme todos sabem, o homem é, por natureza, um ser insatisfeito e incompleto, cujo existir se encontra grandemente norteado pela busca de progresso e aprimoramento pessoal e coletivo. Em resposta a essas inquietações tipicamente humanas, o desenvolvimento da tecnologia, da ciência e das artes, alterações nos costumes e nos relacionamentos, o que, em termos práticos, se traduz em novos objetos, processos, instituições, métodos e técnicas, que precisam ser nomeados.

Nas últimas décadas, essa flagrante evolução, alcançada em todos os campos do saber, propiciou o surgimento de inúmeras unidades lexicais, criadas a fim de sintonizar a língua com a cultura, segundo informa Houaiss (1983:20):

(...) em tempo de Augusto Comte (1798-1857), faz mais ou menos 130 anos, era possível designar todas as ciências, artes, técnicas e profissões com 240 palavras, repito, 240 palavras; em 1963, um grupo de estudos da UNESCO, lembrando Comte, advertia que já então, isto é, em 1963 eram insuficientes 24 mil palavras e locuções para designarem o estado da – não direi divisão do trabalho físico e mental – o estado da pulverização do trabalho, com as terminologias conexas. Não sem razão, aliás, cerca de 90% para mais dos 400 mil vocábulos das línguas de cultura modernas foram forjados do século XIX, precisemos, de meados do século XIX para cá.

Acompanhar de perto todo esse espantoso desenvolvimento cultural tem sido cada vez mais problemático para dicionaristas e lexicólogos em geral, os quais, muitas vezes, não conseguem se manter em dia com o progresso circundante, maior atualmente do que em qualquer outra época anterior.

O neologismo seria, então, uma palavra nova, forjada com o escopo de responder lingüísticamente a uma necessidade surgida no contexto biossocial, algo que circula entre o caráter ilimitado da realidade a ser expressa e as limitações do sistema lingüístico.

Fora do âmbito estritamente científico e tecnológico, a chamada língua comum igualmente apresenta necessidade de novos lexemas. Essa é, em realidade, uma característica intrínseca do léxico, “um conjunto de elementos efetivos como também um potencial, um conjunto de virtualidades, que podem enriquecer e mudar constantemente esse inventário” – Barbosa (1978:352).

O vocabulário de qualquer língua é mesmo enriquecido e mudado, o que garante a continuidade da existência da língua, como se lê em Co-seriu (1980:125):

uma língua não é apenas aquilo que já está feito por meio da sua técnica, mas é também aquilo que, mediante esta mesma técnica, se pode fazer; não é somente passado e presente, mas possui uma dimensão de futuro.

Cotidianamente, os falantes deparam com palavras novas a todo instante, mas, nem sempre, se apercebem disso, pois

quase sempre fazemos uso automático das palavras, sem parar muito para pensar nelas. E não nos damos conta de que muitas vezes estas unidades com que formamos enunciados não estavam disponíveis para uso e foram formadas por nós mesmos, exatamente na hora em que a necessidade apareceu – Basílio (1987:5).

Assim, os adjetivos *deslocável* e *investigativo*, construídos facilmente por línguas flexivas como o português, ainda que não figurem num dicionário do porte de Ferreira (1999), devem ser considerados como pertencentes ao léxico dessa língua. A ausência de registro lexicográfico, em casos do gênero, é um fato irrelevante, podendo ou não vir a ocorrer no futuro. A aceitação dos falantes, no entanto, já é um fato real e presente. Saber se um item lexical “existe” não é preocupação primordial dos usuários de um idioma, que, no dia-a-dia, estão mais interessados em comunicar idéias e em transmitir pensamentos.

Deixando de lado as raríssimas criações *ex nihilo*² ou aquelas acidentais (palavras-fantasmas), “fruto de errôneos ou falhos verbetes de dicionários (...) ou de equívoca segmentação do discurso” – cf. Assumpção Jr. (1986:26, nota 32) –, os neologismos³ podem ser classificados em *intrínsecos* (formados com base em palavras da própria língua, mormente através dos processos de derivação e de composição, mas também por meio de recursos como uso de siglas ou de acrônimos, redução, onomatopéia, reduplicação ou duplicação silábica, recomposição e palavra-valise ou cruzamento vocabular) ou *extrínsecos* (importados de outras línguas).

Ilustrando o primeiro tipo, é possível mencionar *tanqueiro*, *desproclamar*, *complexificação*, *abusividade*, *pingüinário*, *brinquedaria*, *beijação* (derivação); *tarólogo*, *quirólogo*, *porta-treco*, *lingüístico-sociológico*, *politraumatismo*, *biodança*, *chocolatra*, *hidroginástica*, *caça-palavra* (composição); TPM, NGB, PVOLP, PT, CEF, SBT, EBCT,

² Segundo Carvalho (1984:22), “as criações a partir do nada, *ex nihilo*, são raras e pouco importantes. Nas pesquisas que efetuei, encontrei apenas *tcham* e *escambau*, inexplicáveis quanto à origem, ambas gíriáticas, uma vinda da gíria carioca e a outra, de linguagem regional nordestina”.

³ A título de esclarecimento, deve-se dizer que todos os exemplos arrolados como neologismos foram assim considerados devido à ausência de registro em Ferreira (1999).

MPB (siglas)⁴; VARIG, EMBRATEL (acrônimos)⁵; *fono* (= *fonoaudiólogo*), *apê* (= *apartamento*), *deprê* (= *depressão*), *lipo* (= *lipoaspiração*), *jabá* (= *jabaculê*) (redução); *paticumbum* (onomatopéia); *agarra-agarra*, *fuça-fuça* (reduplicação); *teleaula* (recomposição); *terrir*, *toboágua*, *aborrecente*, *pãe*, *breganejo*, *cantriz* (palavra-valise). Já os neologismos extrínsecos são representados pelos empréstimos lingüísticos, os quais podem apresentar total aclimação ao novo ambiente ou graus variados de inadaptação.⁶

Segundo se lê em Derooy (1956:67), todos os componentes do léxico são passíveis de serem emprestados, embora não com a mesma facilidade. Nesse sentido, quanto mais profundamente um elemento esteja identificado com a gramática de uma língua, menores serão as chances de que ele se transfira a outra.

Sendo assim, é indiscutivelmente entre os substantivos que se verifica o maior número de empréstimos. Objetos ou conceitos próprios de um país, ao serem introduzidos em outro, podem carrear suas denominações nativas, expressas, naturalmente, por meio de substantivos.

Os adjetivos, por outro lado, não apresentam a mesma autonomia. A adoção de lexemas dessa categoria gramatical é mais rara e exige uma assimilação mais profunda da mentalidade estrangeira em questão.

Ultimamente, vários adjetivos procedentes do inglês têm tido livre trânsito na modalidade americana da língua portuguesa. *Clean*, *cool*, *cult*, *dark*, *diet*, *light*, *nonstop*, *sexy*, expressões eventualmente empregadas com valor adjetival (como *fulltime*, por exemplo) e siglas com esse mesmo valor (VIP) já se incorporaram à linguagem de muitos brasileiros. Nem sempre, entretanto, se trata de adjetivos em sentido restrito. Algumas das palavras citadas funcionam também, em certas situações, como substantivos no inglês, mas, em virtude de uma particularidade gramatical desse idioma, mudam de classe gramatical ao serem antepostas a outro substantivo.

Até as preposições inglesas *in* e *out*, a exemplo do que ocorre nos

⁴ As denominações completas das siglas citadas são as seguintes: TPM (Tensão Pré-Menstrual), NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), PVOLP (Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), PT (Partido dos Trabalhadores), CEF (Caixa Econômica Federal), SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), EBCT (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos) e MPB (Música Popular Brasileira).

⁵ As denominações completas dos acrônimos citados são as seguintes: VARIG (Viação Aérea Riograndense) e EMBRATEL (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

⁶ Sobre essa questão, cf. Manzóllilo (1995:90-5).

EUA, já são utilizadas no Brasil como qualificativos, significando, respectivamente, algo similar a “moderno”, “atual”, “positivo” e “antiquado”, “ultrapassado”, “fora de moda”.

Relativamente à preposição *by*, de idêntica proveniência, aparece com valor preposicional mesmo em expressões do tipo “viagem *by* Soletur” ou “mochila *by* Cantão”, numa clara demonstração de que a influência do inglês já alcança setores do léxico, via de regra, pouco receptivos ao empréstimo.

Igualmente, um pronome pessoal inglês – *it* – passou para o português com o sentido de “encanto pessoal”, “magnetismo”, “charme”.

Acompanhando tendência do próprio inglês, também em português começou-se a usar a forma verbal auxiliar *must* com valor substantival, significando “nova moda”, “algo novo e bom”.

Os neologismos, entretanto, não são obrigatoriamente formas inéditas (criadas ou adotadas). Em algumas situações, são representados por uma acepção nova conferida a uma palavra já existente, a qual, mediante a aplicação de artifícios como a metáfora e a metonímia, amplia suas possibilidades significativas.

São esses os casos de *arrebentar* (sair-se bem, obter sucesso), *barracão* (local onde os funcionários das escolas de samba preparam o desfile a ser apresentado durante o carnaval), *escada* (em quadros ou esquetes de humor, o ator secundário, de postura mais séria, que fornece as deixas para as piadas do principal), *escova* (tipo de penteado), *fritar* (nos âmbitos político, acadêmico e empresarial, desprestigiar, isolar ao nível das idéias, forçando a queda de alguém), *novela* (situação que não se resolve), *peixinho* (mergulho dado com o intuito de rebater uma bola próxima ao solo durante uma partida de vôlei), *pepino* (problema), *pereba* (inapto, pouco hábil no desempenho de alguma atividade esportiva), *praia* (vocação, inclinação), *queijo* (espécie de tablado redondo no qual dançarinos se exibem em apresentações ao vivo ou em programas de televisão), *ricardão* (o terceiro vértice de um triângulo amoroso, amante), *telinha* (televisão), *testamento* (texto de grande extensão), *tricotar* (conversar, bater papo, fofocar).

Com o passar do tempo, em certos casos, é possível até que o sentido novo suplante o original. Dessa maneira, *dissabor*, substantivo que já significou apenas “falta de sabor”, atualmente é mais usado com valor de “desgosto”, “desprazer”, “contrariedade”. Analogamente, quem pensaria em primeiro lugar no “aparelho indicador da direção dos ventos” ao

ouvir a palavra *biruta*? Não resta dúvida de que a acepção de “louco”, “doido” prevalece sobre a anterior nos dias de hoje. Também *miniatura*, inicialmente só um tipo de pintura de pequenas dimensões, passou, mais tarde, a designar qualquer objeto de tamanho reduzido. Da mesma forma, *mulherengo*, antes uma verdadeira ofensa (“afeminado”, “maricas”), constitui agora, no sentido prevalecente, até um elogio para alguns homens (“louco por mulheres”, “conquistador”). Igualmente dignos de nota são os casos de *cortiço* (“caixa cilíndrica de cortiça, na qual as abelhas se criam e fabricam o mel e a cera” / “habitação coletiva destinada às classes baixas”, “cabeça-de-porco”) e de *assaltar* (“atacar de repente”, “investir com ímpeto” / “roubar”, “furtar”). A mesma relação está presente também em *formidável* (“terrível”, “pavoroso” / “admirável”, “excelente”, “magnífico”), *grogue* (“bebida alcoólica feita com água quente, açúcar e casca ou suco de limão” / “tonto”, “embriagado”) e *utilizar* (“tornar útil” / “usar”).

Processo altamente produtivo em qualquer língua, a ampliação do valor semântico das palavras é, segundo se viu, algo bastante simples. Resultado da criatividade e do poder de observação de argutos falantes, constitui, freqüentemente, estratégia plenamente capaz de satisfazer a novas demandas expressivas.

Também sem alterações formais, uma unidade léxica pode ter sua capacidade de aplicação aumentada por meio de um processo que se denomina *conversão* (nas gramáticas tradicionais, *derivação imprópria*). Assim, num sintagma composto de substantivo e adjetivo, esse recurso pode permitir a elipse do substantivo, cabendo ao adjetivo, agora com valor substantivo, assumir todo o significado do conjunto. Desse modo, jogar na *esportiva* equivale a jogar na *loteria esportiva*. Ir à *lotérica* é o mesmo que ir à *casa lotérica*, uma *hidrocor* vale por uma *caneta hidrocor* e um *natural* por um *sanduíche natural*.

Exemplos menos freqüentes de conversão são oferecidos por verbos conjugados em função adjetiva, como na expressão “vermelho *che-gueu*” ou pela utilização de afixos ou de radicais sem existência autônoma como formas livres, num processo passível de ser considerado também como um tipo especial de abreviação (cf. uma *micro* em lugar de uma *microempresa*; cheque *pré* em vez de cheque *pré-datado*; freqüentar o *pré* ou a *pós*, por freqüentar o *pré--primário* ou a *pós-graduação*; prestar vestibular para *odonto* em vez de prestar vestibular para *odontologia* ou *bi* em lugar de *bicampeão*).

Até numerais podem passar a adjetivos, como em “Você é *dez*” ou

“Aquele filme é dez”.

A imprensa, a publicidade, a televisão, os escritores e os artistas em geral são, em grande parte, responsáveis pelo aparecimento e pela divulgação de neologismos nos dias de hoje, o que é feito também em função de razões estilísticas. A expressividade é uma característica importante do uso da língua e, nesse sentido, com o auxílio de um lexema novo, torna-se possível realçar o que se quer dizer ou causar efeitos intencionais, tais como ironia e estranhamento.

Convém notar ainda que, muitas vezes, a novidade – seja ela de que tipo for – não surge para nomear um referente inédito. Um sinônimo pode ser criado – ou adotado – justamente para que se possam vencer os desgastes naturais das palavras, comunicando velhas coisas de novas maneiras.

A inovação lançada pelo artista ou pelo esteta, entretanto, diverge daquela proposta pelo falante comum. Comparando esses dois tipos, Garcia (1977:22), centrando-se na esfera poética, explica que

é necessário distinguir a criação do falante comum e a criação na obra literária: a primeira visa a uma comunicação imediata, sendo um reajuste do código para maior interação entre codificador e decodificador. A criação poética não necessariamente busca comunicação maior. Poderá consegui-la, é claro, mas não é fruto de uma necessidade imediata de comunicação, nem obra do acaso. A escolha do material verbal feita pelo poeta é sempre orientada num sentido determinado, estético e não utilitarista. Para o poeta é sempre mais fácil fazer abstração dos padrões vigentes, do que para o simples falante.

Enquanto que na língua da coletividade as inovações têm que ser referendadas pelo grupo, na obra literária, referendada ou não, ela desempenha seu papel.

Os dois gêneros de neologismo anteriormente referidos são classificados por Guilbert (1975:40-3) como *denominativos* e *estilísticos*, o primeiro deles, como se viu, surgido em função da necessidade de nomeação de uma nova experiência (objeto ou conceito, por exemplo), enquanto o segundo, muitas vezes efêmero, está ligado a motivações expressivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguramente, apenas os idiomas mortos se petrificam. Sem dúvida alguma, a mudança é inerente a todas as línguas vivas. O presente artigo focalizou justamente alguns aspectos da mais prosaica das mudanças linguísticas, aquela que se verifica na esfera do vocabulário. O estudo das aquisições e das perdas lexicais apresenta interesse sociológico, além de

lingüístico, uma vez que permite analisar as transformações histórico-sociais pelas quais passam os grupos humanos, bem como as influências culturais por eles sofridas ao longo do tempo.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo : Ática, 1990.
- ASSUMPTÃO Jr., Antônio Pio de. *Dinâmica léxica portuguesa*. Rio de Janeiro : Presença, 1986.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos*. São Paulo : Global, 1978.
- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo : Ática, 1987.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro : LTC, 1978.
- CARVALHO, Nelly Medeiros de. *O que é neologismo*. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de lingüística geral*. Trad. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1980.
- DEROY, Louis. *L'emprunt linguistique*. Paris : Les Belles Lettres, 1956.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1999.
- GARCIA, Nice Seródio. *A criação lexical em Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro : Rio, 1977.
- GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris : Larrouse Université, 1975.
- HOUAISS, Antonio. *A crise de nossa língua de cultura*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1983.
- LÜDTKE, Helmut. *Historia del léxico románico*. Versión española Marcos Martínez Hernández. Madrid : Gredos, 1974.
- MANZOLILLO, Vito Cesar de Oliveira. *Dinamicidade lexical: uma abordagem lingüístico-sociológica do empréstimo*. Rio de Janeiro : UFRJ, 1995. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

VENDRYES, J. *El lenguaje: introducción lingüística a la historia*. Trad. Manuel de Montoliu & José M. Casas. Barcelona : Cervantes, 1943.